



**SER É O BASTANTE**





CARLOS QUEIROZ

# SER É O BASTANTE

Felicidade à Luz do Sermão do Monte



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG



SER É O BASTANTE  
Categoria: Vida Cristã

---

Copyright © 2006, Editora Ultimato, Encontro Publicações,  
Visão Mundial  
Todos os direitos reservados

*Primeira edição:* Maio de 2003  
*Revisão:* Silêda Silva Steuernagel  
*Diagramação:* Aline G. S. Scheffler  
*Capa:* Isaac Varzim / Rodrigo Robinson

---

Queiroz, Carlos

Q3 Sér é o bastante: felicidade à luz do sermão do  
monte / Carlos Queiroz. – Curitiba: Encontro ;  
Viçosa, MG: Ultimato, 2006.  
232p. ; 21 cm

ISBN 85-86936-34-0

1. Sermão da montanha. 2. Vida cristã. I. Título.

CDD. 226.9

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO  
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

ENCONTRO PUBLICAÇÕES  
Caixa Postal 18120  
80811-970 Curitiba, PR  
Telefone: 41 3352-5030  
E-mail: [encontro@me.org.br](mailto:encontro@me.org.br)  
[www.me.org.br/encontro](http://www.me.org.br/encontro)

VISÃO MUNDIAL  
R. Mascarenhas de Moraes, 440  
51170-000 Recife, PE  
Telefone: 81 3428-3555  
[www.visaomundial.org.br](http://www.visaomundial.org.br)



*“Dona Ritinha”  
(minha querida mãe)  
e tia Júlia,  
vocês me ensinaram que, na vida,  
basta SER  
... tal como as aves do céu e os lírios do campo.*

*Com este livro eu celebro a vida de vocês!*

## [ Sumário ]

*Prefácio*

*Apresentação*

*Introdução: O Sermão do Monte*

O interesse da multidão e a cumplicidade do discípulo  
(Mateus 5.1, 2)

A felicidade do discípulo (5.3-12)

Picantes e brilhantes (5.13-16)

O detalhe significativo – O “til” da questão (5.17-20)

Mutilando sentimentos criminosos (5.21-26, 38-42)

Juramento-cortesia “com o chapéu divino” (5.33-37)

O uso publicitário da espiritualidade 141

Raízes de ansiedade

Fazer o bem sem olhar a quem (7.1-12)

A preciosa escolha 97.13-14)

Liderança carismática: o risco da falsidade (7.15-20)

Ser amigo é muito mais! (7.21-23)

Casa na rocha certa (7.24-29)

A singularidade dos ensinamentos de Jesus (7.28-29)

*Bibliografia*

*Guia de estudos*



## Prefácio

O texto do Carlos me chegou às mãos quando eu terminava de ler um livro sobre teologia narrativa. Dois personagens apresentados no livro eram Martin Luther King Jr. e Clarence Jordan. O primeiro foi o conhecido pastor batista negro que conduziu o processo de conquista pacífica dos direitos civis dos afro-americanos na década de 60. Morreu assassinado. Seu pacifismo ativo veio do Sermão do Monte, via Tolstói e Gandhi. Gandhi, recordemos, o “libertador” da Índia, amava o Cristo dos cristãos, mas questionava os cristãos, que, em seu entender, pouco seguiam o Cristo dos Evangelhos, muito menos o Sermão do Monte. Clarence Jordan, também batista, depois de concluído seu PhD em Novo Testamento fundou, com um amigo, a *Koinonia Farm* (Fazendo Koinonia) onde, na década de 50, brancos e negros buscavam, em conjunto, viver o Sermão do Monte, em que a não-retaliação e o amor aos inimigos eram fundamentais. Acabaram expulsos da igreja batista local, foram acossados pela Ku Klux Klan e sofreram um boicote econômico total, chegando quase à extinção. Clarence fez uma tradução cabocla do Novo Testamento (*Cotton Patch*) e morreu aos 58 anos de um ataque cardíaco. Mas seu movimento continua.

Muitos de nós fomos abençoados pela leitura da interpretação do Sermão do Monte de Dietrich Bonhoeffer, assassinado pelos nazistas poucos dias antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Outros, de alguma maneira discípulos de John Stott, fomos abençoados por sua exposição do Sermão. Felizmente Stott já passou dos 80 anos, o que quer dizer que nem todo apaixonado pelo Sermão do Monte terminou em tragédia. Agora temos o livro do nosso irmão Carlos Queiroz, um nordestino da gema. Carlos nos dá um livro brasileiro, e ainda mais, nordestino.

Narro estas coisas para dizer que a prática do Sermão do Monte é profundamente contracultural, é viajar por este mundo na contra-mão. Por isso, os intentos – ou de espiritualização, em que muitos buscamos nos esconder, ou de escapismo, como fazem alguns queridos irmãos pré-milenistas que vêem a pertinência do Sermão do Monte somente para o Milênio. Ele não diz nada para os cristãos de hoje. É a maneira mais fácil de alguém se safar do desafio de viver de acordo com a vontade de Pai, no poder do Espírito, como o viveu e ensinou Jesus Cristo, dentro da realidade do cotidiano.

Carlos não nos apresenta aqui, nem uma versão moralista, nem uma versão espiritualista. Mas faz uma leitura do Sermão do Monte a partir do Evangelho, a morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo e a vinda do Espírito Santo. Mateus escreveu a igrejas de contexto judeu, mas que viviam uma fé pascal e pentecostal. Esta é a leitura correta do Sermão do Monte, uma leitura a partir do Evangelho, para que seja superada uma leitura meramente legalista. Só um cristão convertido e habitado pelo Espírito Santo pode viver o Sermão do Monte. Mas cada cristão que quer praticar um discipulado autêntico precisa habitar o Sermão do Monte e tê-lo dentro do seu coração.

A prática do Sermão do Monte requer a conversão do coração e o poder do Espírito. Carlos Queiroz, teólogo nordestino da Igreja de Cristo – que desafio, este nome! – e militante do Reino de Deus nas lutas sociais da Visão Mundial, é um dos meus amigos que mais encarnam o Sermão do Monte. Por isso tem o direito de desafiar-nos, a todos, para que compreendamos e, especialmente, para que pratiquemos nosso seguimento do Senhor tendo como roteiro o Sermão do Monte. Mas este Sermão não se pratica sem riscos. Se o cristãos realmente praticasse o Sermão do Monte, o Evangelho recuperaria sua credibilidade. A melhor hermenêutica do Evangelho sempre é uma igreja fiel, um cristão plasmado pelo Evangelho.

Onde quer que o Sermão do Monte seja meditado e vivido, aí o encontro com a cruz e com o sofrimento será inevitável. É aqui que o poder e a verdade do Evangelho entram em jogo. Mas é aqui também que as promessas do Cristo e o poder do Espírito Santo nos valerão. Todos devemos a Carlos Queiroz uma nova interpelação, um novo confronto com o Evangelho, sobretudo com a sua prática. A leitura deste texto vai nos inspirar, mas também nos questionar. Acima de tudo, ela nos confronta com a prática do Evangelho. Porque “*nem todo que me diz Senhor, Senhor... mas aquele que pratica...*”

MANFRED GRELLERT  
*Vice-Presidente América Latina e Caribe*  
*Visão Mundial Internacional*



## Apresentação

Andar com Jesus deve ter sido uma experiência encantadora. Fosse numa sinagoga, à beira-mar, numa casa de família, numa estrada qualquer ou no alto de uma montanha. A presença dele inebriava o ambiente de beleza incomum. Repetidas vezes, Jesus e seus discípulos subiram em algum monte com o fim de orar, outras vezes para contemplação e aprendizagem. Estiveram no Monte das Oliveiras, no Getsêmani, e em vários outros. Imagino como se dava a caminhada, desde o lugar de partida até o ponto de chegada, em algum lugar atraente e especialmente adequado para o usufruto da devoção e espiritualidade. Enquanto caminhavam podia-se ouvir o barulho de sandálias de couro arrastadas pelo solo, conversas jogadas ao relento, pássaros cantarolando, folhas acariciadas pelo vento ovacionando a passagem do Messias.

O Criador em forma humana acolhia o gesto de apreciação de toda a natureza. Convidava a que se olhasse para os lírios do campo, as aves povoando o firmamento. Não se ouvia na paisagem linguagem, dialeto ou idioma; contudo, a sua voz e a da natureza se confundiam como se fossem mensagens gêmeas. Como se fossem, é claro. Pois a paisagem falava dele, mas Ele, nem de si mesmo precisava falar – Ele era a própria mensagem.



Lendo o Sermão do Monte aprendi a perceber no mesmo monte cenários diversos. Cada leitura tem sido como se eu estivesse subindo a monte diferente – novas experiências, mensagens mais conectadas aos meus próprios momentos. Memorizar porções do Sermão do Monte, ainda na infância, tinha uma conotação religiosa e litúrgica. Naquele momento, o texto, presumo, propiciava a sensação de pertencimento e aceitação de um segmento religioso que falava a mesma linguagem. Na juventude, refletir sobre o Sermão do Monte, tendo como guia de estudo o comentário de John Stott intitulado *Contracultura Cristã*, acalentou o sonho de transformação da sociedade. Era o momento de perceber e praticar racionalmente o aprendizado litúrgico. Fico então imaginando que a Palavra vai se revelando circunscrita aos nossos próprios momentos. Foi por isso que, para preservar os textos de Mateus, os coloquei destacados antes de cada comentário. Nessa parte é possível ler o texto bíblico sem a minha interferência, sem levar em consideração os meus momentos. Apenas dei ao texto uma arrumação de “rimas”, mais “estéticas” do que fonéticas ou de sentido.

Na outra parte – aí, sim – já é o trabalho que me propus fazer. Nela há um diálogo permanente da forma como percebo o texto; outras vezes, da maneira como o texto me encara, animando-me, denunciando-me, exortando-me ou desafiando-me. Neste aspecto, descobri que o Sermão do Monte não era um texto estático. Falava comigo de acordo com a sensibilidade de minha própria alma. Foi assim que, lendo o Sermão do Monte, dei-me conta dos meus próprios montes e vales. Às vezes, entre um monte e outro, um vale árido, outras vezes fértil.

Meus comentários estão expostos muito mais como uma tentativa de registro desses montes e vales surpreendentes. Por isto, o Sermão já não era apenas um texto. Passou a ser a comunicação

de pessoas clonadas no exemplo e vida de Jesus Cristo. O texto passou a ser o instrumento que me permite essa leitura apreciativa da vida. Assim como o Monte já não é mais um espaço geográfico – tornou-se o evento ou conjunto de eventos de cada momento precioso da vida. O Monte referido por Mateus tem funcionado para mim como um exercício feito pelo evangelista para perceber e desenhar com palavras a paisagem do evento: Jesus Cristo.

Meus montes passaram a ser as conexões que aprendi a construir em minhas leituras e devocionais, em meus monólogos ou em diálogos com amigos e amigas especiais. Quando a lição vem de uma leitura, há uma indicação em notas bibliográficas. O mesmo não acontece com a aprendizagem vinda de um diálogo com amigos ou amigas. Neste caso, apenas estou reconhecendo que muito do que passo aos leitores deste trabalho é como que uma apropriação devida da liberdade de ouvir e aprender de pessoas que são para mim muito caras.

Na tentativa de perceber Jesus, deparei-me com um Ser Divino e humano transitando entre ricos e pobres, comendo com publicanos e pecadores e, ao mesmo tempo, dialogando com religiosos; estive entre a plebe e o palácio; à beira do caminho e na sinagoga. Aliviando dores e provocando sofrimentos, construindo a paz e estabelecendo outras guerras. Conheci Alguém com jeito de gente grande, plena maturidade.

Pessoas com maturidade assim conseguem transitar em extremos sem medo e pavor, e conseguem, ao mesmo tempo, encontrar em pontos extremos lições significativas para a vida. Quero convidar você a um permanente exercício de trânsito em dois extremos específicos. Um deles encontra-se no começo da nossa existência. Durante a infância, quando tudo parece acontecer pela primeira vez. Neste ponto, tudo é novo e provoca deslumbramento.



mento e encantamento prazeroso. As crianças encantam-se com o primeiro passeio pela cidade, deslumbram-se diante da primeira visita ao mar.

O outro ponto encontra-se no momento em que podemos fazer ou viver uma experiência pela última vez. Quem vive uma experiência como se fosse a última oportunidade, vai vivê-la com mais intensidade e profundidade. Vai procurar tirar o máximo de proveito do único tempo que resta.

Assim, quem vive um momento como se fosse o primeiro, vai sempre deslumbrar-se, encantar-se com a novidade da experiência. E quem vive um momento como se fosse o último, fará o possível para tornar relevante e significativa esta última experiência de vida.

É este o nosso desafio: vamos ler o Sermão do Monte deslumbrados, encantados, como quem leu a mensagem pela primeira vez; e o leiamos com intensa dedicação, especial esmero, tirando o máximo de aproveitamento, como quem se encontra diante da única chance de viver intensamente a felicidade apresentada por Jesus Cristo.

CARLOS QUEIROZ



## Introdução: O Sermão do Monte

O Sermão do Monte é uma espécie de “supra-sumo” elaborado por Mateus, baseado nos ensinamentos de Jesus. Não me parece uma mensagem focalizada a dar respostas a todas as perguntas da vida; mas, sem dúvida alguma, é relevante para o tipo peculiar de vida proposto por Jesus. É uma proposta suficiente em si mesma e aponta para a realização plena de nossa humanidade. No Sermão, Jesus aprofunda ensinamentos relacionados à espiritualidade, ética, caráter e atitudes dos seus discípulos, de tal maneira que, se postos em prática, são suficientemente capazes de propiciar ao discípulo uma vida *bem-aventurada*, estável, sem ansiedade, comparada por Jesus a alguém que tem “uma casa edificada sobre a rocha”. À margem dos ensinamentos, valores e paradigmas do Sermão as pessoas ficarão vulneráveis à destruição, à semelhança de alguém que construiu uma casa sobre a areia, e sopraram nela os ventos, deram com ímpeto sobre ela, e por estar edificada sobre a areia foi grande a ruína (Mt 7.26, 27). Viver à margem dos ensinamentos de Jesus é uma opção contra a vida. É, de fato, um exercício suicida.

O Sermão do Monte nos ajuda a entender a vida a partir de novos primas, valores, princípios, virtudes e perspectivas. Na



verdade, o que Jesus apresenta não deveria ser considerado tão novo assim – é o sentido humano pleno para o qual todos fomos criados. Criados para a vocação de ser *gente*. Aliás, dentre os aspectos do Sermão, talvez o mais significativo, mais espiritual e mais bem-aventurado seja justamente este: a redescoberta da vocação humana. A vocação humana da sensibilidade: “*Bem-aventurados os que choram*”. A vocação da justiça: “*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça*”. Bem-aventurados os misericordiosos, os pacificadores, os limpos de coração, os mansos – virtudes não cultivada pelos desumanos. Fora do projeto vocacional de ser gente, o ser humano é infeliz, não realizado com a vida. Ao discípulo, Jesus oferece a realização plena da existência humana. Bem-aventurado, feliz, “de bem com a vida”, realizado por ser gente, suficientemente gente é “*todo aquele que ouvindo estas minhas palavras (de Jesus) e as pratica*”.

O Sermão do Monte contém ensinamentos para quem deseja viver um projeto de vida muito além da mediocridade. Os ensinamentos são demasiadamente elevados para os desumanos; mas são, ao mesmo tempo, demasiadamente simples para quem vive a naturalidade da existência humana. Para Jesus, por exemplo, viver e praticar seus ensinamentos era a coisa mais trivial e comum. O difícil para ele era exatamente não se deixar fluir das virtudes e princípios que ensinava. Todavia, por causa do pecado, nossas falhas e limitações, reconhecemos que diante das palavras de Jesus todos somos denunciados, ficamos de alma despida e em geral deparamo-nos com um desmesurado sentimento de insuficiência. Este abençoado senso de limitação conduz o discípulo à oração, à confissão e, conseqüentemente, à total dependência de Deus. Emaranhada à mesma realidade há a constatação de que, a despeito da nossa insuficiência, é possível vivenciar os ensinamentos de Jesus. Evidentemente, não parece tão simples como estamos expondo. O pró-

prio Jesus passou por momentos cruciais em que precisou orar: “Meu Pai: *Se possível, passe de mim este cálice.*”... A cruz foi uma decorrência da prática do Sermão do Monte. Ele mesmo reconheceu que este é um caminho apertado, uma opção de alto risco, uma estrada espinhosa e de portões estreitos (Mt 7.13, 14).

Portanto, o Sermão do Monte, ao mesmo tempo em que denuncia a nossa limitação e a magnitude da proposta de Jesus, anuncia o quanto necessitamos buscar o monitoramento do Espírito Santo. A profundidade da mensagem, suas implicações e a radicalidade dos ensinamentos de Jesus indicam a carência que todos temos, de ser conduzidos sob a *graça preciosa de Deus*. Na ótica de Paulo, há um projeto de vida proposto para cada discípulo de Jesus Cristo: “*Ser transformado de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito*” (2 Co 3.18). O discurso de Jesus em Mateus 5 a 7 nos compromete e desafia nessa direção.

Antes, porém, de nos lançarmos ao desafio de penetrar nesse “discurso”, convém atentarmos para algumas informações preliminares que nos ajudarão a situar-nos dentro do Sermão do Monte.

## 1. Sobre o autor

De pronto, estamos aceitando a tradição mais generalizada, segundo a qual Mateus, que era também chamado de Levi, é o autor do livro que leva o seu nome. Tanto Mateus quanto Levi são nomes hebraicos, e o próprio livro está repleto de conteúdos que indicam uma fonte hebraica: as referências ao Antigo Testamento, os nomes hebraicos incluídos na genealogia de Jesus, às leis e mandamentos exclusivamente ligados à experiência religiosa dos hebreus. Mateus era cobrador de impostos (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27-29) e sua profissão deve ter influenciado consideravelmente o conteúdo de seus escritos. Na Oração Dominical,



por exemplo, ele pede perdão pelas “dívidas”, e não pelos pecados, como faz Lucas. Inclui várias parábolas de credores infiéis e de cobradores severos, a fim de, em termos comparativos, realçar a misericórdia e o perdão de Deus sobre os pecadores arrependidos; em oposição, destaca a crueldade dos cobradores de impostos diante de seus clientes inadimplentes.

Mateus, após seu encontro com o Messias, descobriu que não era mais possível servir a Deus e às riquezas (Mt 6.24). Sua convicção de chamado, ao que tudo indica, o fez abandonar a profissão para tornar-se um seguidor de Jesus Cristo (Mt 9.9).

## 2. A quem se destina o Sermão

O livro de Mateus não é o primeiro dos quatro evangelhos canônicos (TASKER, 1985: 13). Há fortes argumentos para se afirmar que o livro tenha sido escrito entre os anos 70 e 80 D. C (MESTRES, 2001:132); portanto, depois da invasão e domínio de Jerusalém pelo rei Tido. Isto é bem provável, uma vez que Mateus faz referência à profecia da destruição de Jerusalém, como se a invasão de Tito já fosse um fato consumado. É como se ele estivesse reescrevendo a profecia de Jesus, dando a ela um caráter histórico e não de predição. Seja como for, percebe-se, pelas datas, que o documento foi escrito cerca de 30 a 50 anos após Jesus ter andado com seus discípulos. Isto significa que:

a) O livro foi escrito para uma igreja já existente. Há, portanto, no documento instruções práticas sobre a convivência e o relacionamento entre as comunidades cristãs. Daí considerarmos importante a aplicação dos ensinamentos do Sermão para as comunidades cristãs dos nossos dias.

b) Admitindo-se que as datas sejam as mencionadas acima, o livro foi escrito para uma igreja formada de judeus e gentios convertidos, submetidos a fortes perseguições do judaísmo e do

Império Romano. Portanto, é uma mensagem destinada também a quem vive a experiência de heterogeneidade e sob perseguição e ameaça de inimigos.

Mateus faz pontes estratégicas de comunicação com a história e a experiência religiosa dos judeus. Ele inclui profecias do Antigo Testamento, usa uma genealogia em que aparecem nomes judaicos bastante conhecidos e, especialmente no Sermão do Monte, faz alusão permanente a leis bem conhecidas dos judeus, realçando aí conteúdos referentes aos Dez Mandamentos. Mas também procura de todas as formas incluir os gentios na mensagem das boas novas do Reino de Deus. Começa com os magos do Oriente, que aparecem para adorar o Messias recém-nascido. Inclui o Egito como lugar de proteção do menino perseguido (Mt. 2.1-18); menciona curas em Genezaré, Tiro e Sidônia (Mt 14.34-36; 15.21-28). A Galiléia dos gentios é apresentada como foco onde os sinais do Reino se manifestam. Por outro lado, os escribas e fariseus aparecem nas narrativas submetidos à confrontação – “*Ai de vós, escribas e fariseus...*” (Mt 23), enquanto os gentios (“publicanos” e “pecadores”) são acolhidos – Jesus *come e bebe com eles* (Mt 9.10-13).

O discipulado é apresentado por Mateus como um projeto disponível a todos – “Ide... fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19) – e não como um evento nacionalista e exclusivista. Portanto, o projeto do discipulado é seletivo, mas a proposta é convidativa a quem desejar se engajar e comprometer-se. A felicidade, tema principal no começo do Sermão, não é privilégio dos judeus, é um dom natural e universal para todo aquele que decidiu responder positivamente à convocação de Jesus Cristo.

### 3. O dilema entre a Lei e o Espírito

Mateus enfatiza a dimensão humana interior, campo de habitação do Espírito, e valoriza a vida em contraposição ao

fundamentalismo e extremismo da Lei. A Lei trata de questões ritualistas, morais apenas, e por isso suas regras são formais, frias, impessoais. No Sermão do Monte a vida flui como fonte do espírito – vertente vinda dos sentimentos e do conhecimento exclusivo no campo da fé: “*Se os teus olhos (visão sensitiva, discernimento) forem bons todo o teu corpo será luminoso...*”. Neste sentido o enfoque é espiritual, ético e não apenas ritualista e moral. Além do mais, Jesus enfatiza uma nova forma espiritual de relação com Deus. Ele a chama de “nova aliança”, alicerçada no amor e na graça de Deus.

A Lei – moral por pressões externas – considera assassino aquele que mata usando uma arma. Na dimensão do espírito – “consciência interna” – quem odeia no íntimo já é passível de tratamento. Na perspectiva da Lei, o ser humano se dá por satisfeito em cumprir os mandamentos externos. Na nova comunidade dos discípulos, apenas isto não propicia realização. A felicidade existe como resgate da relação do discípulo com Deus e como uma virtude natural interna da *graça preciosa* que o discípulo recebe e compartilha com outros.

“A letra” (a Lei) pune, apedreja, mata, enquanto o Espírito vitaliza, recria, vivifica. No Sermão do Monte, Jesus não se concentra no corpo das palavras, ele busca interpretar e decodificar a alma dos assuntos. Sua leitura conflui-se com a vida. Interpreta mais as pessoas envolvidas nos textos, ou para quem os textos se destinam, do que os textos em si mesmos. A partir dessa premissa, Jesus não apoiou o apedrejamento de uma mulher apanhada em adultério. enquanto os acusadores estavam dispostos a matar em nome da hermenêutica literal do texto, Jesus interpretava as motivações dos acusadores, a hipocrisia deles, ao mesmo tempo em que lia também a aflição e necessidade de acolhimento daquela senhora.

O texto fala de algo *a priori*, anterior ao registro. Procura interpretar uma experiência, tenta decodificar por aproximação a Revelação, mas não é a Revelação propriamente dita. Só para efeito de comparação, pensemos na poesia como a letra que fala, por aproximação, do sentimento entre duas pessoas. O romance, por exemplo, expresso em poesia pode falar de paixão, amor, através de figuras e imagens; contudo, não consegue esgotar a plenitude do sentimento incontido do amor. Assim, a poesia não é o romance em si mesmo. O romance é esse “algo” anterior que inspira a arte das rimas, sílabas fonéticas, etc., mas não se escraviza às regras gramaticais da literatura poética.

A hermenêutica de Jesus vai em busca de “algo mais”. Ele faz uma leitura muito mais do âmago das entrelinhas e não se detém na superficialidade das linhas. Nas linhas encontra bons rabiscos, interessantes roteiros e caminhos, mas às vezes bitolados, inflexíveis – “*como está escrito*”. Nas entrelinhas, Jesus encontra espaços possíveis, alternativas libertadoras, a revelação não convencional e a sua conexão com a existência humana – “*Eu porém vos digo*”.

#### 4. O Reino de Deus e a soberania do Rei

No livro de Mateus há uma acentuada ênfase no *reino dos céus*. Lucas prefere o termo o *reino de Deus*, e João vai falar de *vida eterna* para expressar a mesma realidade. Neste trabalho preferi usar o termo lucano (aqui destacado como *Reino de Deus*, com maiúscula, ou simplesmente “o Reino”), por ser convencionalmente mais utilizado.

Várias figuras foram utilizadas por Jesus para ilustrar o significado do Reino de Deus.

Quando comparou o Reino com o grão de mostarda, ele tinha a intenção de explicitar a soberania do Reino – “*a maior de*

*todas as hortalças*” – e o poder de acolhimento da nova sociedade do Reino – “*as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos*”.

Ao comparar o Reino de Deus com o fermento ele estava indicando o poder de influência do Reino (Mt 13.31-33). Outras imagens sobre o Reino de Deus, tudo indica, são postas com a intenção de evidenciar a importância de se buscar e acolher o Reino: o Reino é semelhante a um campo que alguém é capaz de vender tudo que possui para adquirir e transborda de alegria quando o possui. É semelhante a uma pérola desejada (Mt 13.49-50).

Todas as figuras vão apontar para o Reino de Deus como um projeto exclusivo da sabedoria e soberania de Deus fica evidente o senhorio de Jesus Cristo sobre todas as coisas. A genealogia de Jesus apresentada por Mateus enfatiza toda a realeza do Messias: “*Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*” (Mt 1.1). A oração ensinada aos discípulos é “*Venha o teu reino*”. E as boas novas a serem anunciadas são as novas de que o Reino foi inaugurado e está presente dentro e entre nós. A manifestação de Deus em Jesus Cristo não é apenas um sinal, mas o Reino em si mesmo. A Jesus é conferido o poder pleno sobre tudo: céus e terra (Mt 28.18,19). Diante do Rei e do Reino, os discípulos são despojados de qualquer direito. Possuem apenas o direito de obedecer. E, sendo assim, já não têm nem posse nem direito. São peregrinos, sem alforje, sandálias ou túnicas de reserva (Lc 10). Fazem tudo, e serão tidos apenas como servos obedientes e não excepcionais. Nada disso lhes provoca tristeza; muito pelo contrário, são felizes na medida em que disponibilizam seus dons e talentos para a vida. A felicidade do discípulo está fundamentada na sua relação fraterna com o Pai celestial e no prazer de viver com simplicidade, a leveza que tem a plenitude da vida no espaço do Reino. Entre o Mestre e seus alunos há, de fato, uma amizade afetiva – não são mais servos e sim *amigos* (Jo 15.15). Os

servos relacionam-se com seus senhores pelo resultado, pela produtividade; os amigos relacionam-se com base no amor e afetividade.

Observe-se também o conteúdo das mensagens, tanto de João Batista quanto de Jesus, com respeito à inauguração do Reino de Deus entre a humanidade. Na ótica do narrador, Jesus irrompe na história e começa um novo tempo. Tempo marcado por virtudes e sinais vivenciados por Jesus, como nenhum outro na história da humanidade. Os valores do Reino se evidenciam na natureza, ética e caráter do Rei. Nele encontra-se espiritualidade transcendente, compromisso histórico, leveza, alegria, prazer, bem-aventurança. Ele mesmo é a fonte de todo amor, verdade, justiça, pacificação, mansidão, humildade – palavras que apenas sugerem a presença de uma época, um novo Reino e um Rei que representa o ser humano no seu projeto mais original – uma criança, pois “*um menino nos nasceu... o governo está sobre os seus ombros*” (Is 9.6).

Os sinais de cura, operação de maravilhas, serviço aos pobres, confrontação e destruição dos poderes satânicos anunciam a chegada do Reino de Deus entre a humanidade. Reino estranho! Privilegia crianças, acolhe marginalizados, submete-se à humilhação da cruz e desvenda nesse *caminho estreito* um mar infinito de possibilidades e realizações humanas.

Resumindo, o Sermão anuncia a natureza original da vida, o começo de tudo – um retorno a ser criança. Se podemos chamar isso de “exigências do Reino”, aí está uma delas: obedecer à natureza de ser gente, no seu projeto mais primitivo. E assim, obedecer ao Rei já não é mais um peso, senão uma forma de permitir que a vida desabroche com toda a sua bem-aventurança e felicidade. E, à semelhança de como vive qualquer criança, a cruz, por exemplo, deixa de ser um peso, uma carga, passando a fazer parte

de um sonho, uma esperança, um projeto de vida, ou até mesmo um brinquedo de estimação – encantamento de criança –, um jeito estranho de viver em meio às etiquetas dos “adultos”.

Submeter-se ao senhorio de Jesus Cristo é, portanto, submergir na vida em sua forma mais primária, original e singela. Até porque, fora do jeito original, já não é mais vida e sim morte. O novo Reino é o mais *a priori* Reino da Vida: transcendente, sobrenatural, encantamento com o ser. Sendo, ao mesmo tempo, por desdobramento, a vida de mulheres e homens obedientes ao processo de cultivar flores, amores, sensibilidade, dores; vivendo e pré-criando, criando, pró-criando...

Desobedecer é asfixiar o natural, tornar infeliz por *não ser*, matar por querer somente *ter* ou pela artificialidade de querer *ser mais*.

## 5. A compilação do Sermão do Monte

O Sermão com certeza, não está escrito *ipsis literis* na forma como foi proferido. Mateus não dispunha de instrumentos suficientes para registrar todas as palavras ditas por Jesus. Os instrumentos da época eram demais limitados para que Mateus, de uma única sentada, anotasse tudo que Jesus falou. Todas as indicações mostram que Jesus proferir seus ensinamentos em aramaico, enquanto os manuscritos mais originais de Mateus estão em grego. Você já tentou copiar um sermão enquanto vai escutando? Perdeu algumas idéias? Então, imagine o que deve ter acontecido com Mateus, tendo ouvido Jesus, e só depois de muito tempo se dedicado ao trabalho de compilação do que ouvira! É só lembrar que o livro de Mateus foi escrito, como já dissemos, no mínimo, cerca de 30 anos após os pronunciamentos de Jesus. Como se sabe, a mais provável possibilidade é que Mateus tenha construído seus conteúdos baseado no livro de Marcos. Mas Marcos não faz nenhuma alusão específica ao Sermão do Monte, ele apenas pon-

tua os discursos de Jesus. Mateus, por sua vez, vai enriquecendo cada evento com conteúdos não apresentados por Marcos. Assim, no Sermão do Monte, ele pode ter tomado como base o que Jesus falara em uma única ocasião e resumido tudo no documento que denominamos de Sermão do Monte. Outra possibilidade é que tenha usado um sermão proferido por Jesus num monte como conteúdo básico do texto, e adicionado vários outros ensinamentos de Jesus proferidos em outras ocasiões.

Tais considerações não anulam o fato de Jesus ter estado no monte, a que se refere Mateus, e proferido um discurso cuja base principal ou espinha dorsal seja exatamente o material compilado em Mateus 5 a 7. Apenas estamos tentando dizer que o que chamamos de Sermão do Monte, registrado por Mateus, é, em suma, um conjunto de ensinamentos proferidos por Jesus de uma só vez, com a possibilidade de que haja mais outras informações coletadas pelo escritor, que por sua vez organizou tudo da maneira como nos está apresentado nos capítulos 5 a 7 do livro que leva seu nome.

No livro de Lucas encontramos o esboço de um sermão com alguns conteúdos semelhantes ao documento de Mateus; mas, no geral, o documento de Lucas deve ser compreendido como um outro documento. Isto pode indicar a possibilidade de que, em verdade, a elaboração metodológica e o estilo literário desses documentos sejam mais uma tarefa do escritor do que do Inspirador original. Como exemplo, é só observar-se que Lucas não incluiu todas as bem-aventuranças e introduziu os “ais” (Lc 6.20-26), não copiados por Mateus.

Acreditamos que Mateus e Lucas foram inspirados pelo Espírito Santo e, se não escreveram tudo, escreveram o suficiente de todas as coisas aprendidas com Jesus. Aprendemos, com esses dois evangelistas, que a revelação vai se manifestando circunscrita às condições de quem a recebe. Desse modo, ambos falam de assun-

tos distintos, enfoques bem diferenciados, exatamente porque os fatos ou os textos só dizem alguma coisa depois de lidos e interpretados. Obviamente, sendo assim, cada texto terá um significado distinto para o contexto e a condição dos ouvintes. Logo, precisamos entender a compilação feita por Mateus e Lucas; mas junto com esta tarefa, precisamos reler o texto, fazer nova compilação, circunscrita aos nossos próprios condicionamentos, limitações, necessidades e desafios.

Por isso estamos lendo o Sermão do Monte outra vez, na tentativa de, identificando a sua essência, compartilhar seu conteúdo, a fim de que a Palavra sussurre em ouvidos sensíveis e dê a todos a oportunidade de tornarem-se discípulos de Jesus Cristo, dentro do contexto e desafios do seu próprio tempo. Este é o grande desafio de qualquer releitura das Escrituras.

## 6. Cenários do Sermão

### 6.1. *Cenário do texto*

Mateus registra em seu livro uma cronologia de assuntos, obedecendo a uma seqüência lógica até chegar ao Sermão:

- § Genealogia de Jesus Cristo (1.1-17)
- § O nascimento de Jesus Cristo (1.18-25)
- § A visita dos magos (2.1-12)
- § A matança dos inocentes (2.16-18)
- § A volta do Egito (2.19-23)
- § Pregação de João Batista (3.1-10)
- § João dá testemunho de Cristo (3.11-12)
- § O batismo de Jesus (3.13-17)
- § A tentação de Jesus (4.1-11)
- § Jesus volta para a Galiléia (4.12-17)
- § A vocação dos discípulos (4.18-22)
- § Jesus prega por toda a Galiléia e cura muitos discípulos (4.23-25)